

Travessia Inhambane-Maxixe

Tão perto, tão longe e...difícil

por Alexandre Zandamela (texto) e Domingos Elias (fotos)

Para situar o leitor sobre a localização geográfica de Inhambane (cidade) e Maxixe, basta olhar para a cidade de Maputo e para a vila da Catembe. Assim mesmo! Supondo que Maputo é Inhambane, lança-se o olhar para o outro lado da baía e encontra-se a Catembe, que para este caso seria a Maxixe. Uns quilómetros, que se navegam num tempo de pouco mais de um quarto de hora, separam aquelas duas urbes da província de Inhambane, qualquer delas

vital para o dia-a-dia dos cidadãos ali residentes.

Mas para além da via fluvial, a ligação Inhambane-Maxixe e vice-versa pode também ser coberta por via rodoviária, que deve somar sensivelmente uns 30 quilómetros, só que neste momento não se apresenta nada prática devido à acção criminosa dos bandos armados ao longo daquele troço. Daí a opção geral de as pessoas se fazerem transportar, com tudo o que

trazem, às vezes cargas com um peso tremendo, de barco.

TÃO DIFÍCIL O QUE DEVIA SER... FÁCIL

É opinião generalizada, em Inhambane, que a cidade da Maxixe é aquela que se apresenta mais movimentada. A vida é mais agitada, verificando-se uma maior concentração de pessoas, motivadas pelo facto de ser servida pela Estrada Nacional n.º 1, que faz a ligação entre Maputo e o norte do País. Inhambane, por seu turno, é mais «chocha», calma, os seus habitantes transportam consigo a vida caseira, sendo muito normal, por exemplo, depois das 17 horas ou então aos sábados à tarde, as artérias da cidade se apresentarem completamente desertas.

Mas Inhambane é a capital provincial. É onde está instalado o Governo, as direcções provinciais e todo o «staff» burocrático, para além das unidades económicas. Com este privilégio, inevitavelmente é procurado. Na Maxixe, cerca de 70 por cento dos trabalhadores têm os seus empregos em Inhambane, pelo que diariamente necessitam de atravessar para lá, de manhã, e para casa, ao fim da tarde. Os de Inhambane, embora sejam poucos os que trabalham na Maxixe, também não se alheiam à travessia, pois quando se trata de qualquer «business» é sempre melhor na Maxixe e agora com o Campeonato Nacional de Futebol aos domingos há mesmo extrema necessidade, uma vez que os jogos são realizados no campo do Conselho Executivo da Maxixe.

Perante esta dependência de uma para com a outra, tornava-se justo que a ligação entre as duas urbes fosse fácil ou então facilitada. Porém, não é o que se verifica. Cada vez que uma pessoa pensa em se aventurar para uma travessia, se não apanha uma dor de cabeça é com muita sorte. Mas porquê? Bom, primeiro que tudo, tal deve-se ao problema do transporte fluvial. Neste momento, o «ferry-boat», bem grandezinho e que tinha conseguido, de certa forma, minimizar esta questão, está em reparação, em plena marginal da Maxixe, estando o transporte (mal) assegurado por dois barcos — o «Moçambique» e o «Inhambane», para além de alguns barquitos à vela, assim à moda de «chapa 100».

Ora, muito bem, estes dois barcos não são nada suficientes para descongestionar o volume de passageiros e de carga que se apresenta dia-



Cada vez que se consegue um lugar «lá dentro» é motivo de alegria pois a viagem está garantida. Alegres e despreocupados estão estes passageiros a bordo do «Moçambique»



E assim mesmo: aos «montões» e sem o mínimo de organização, os passageiros disputam a parca entrada para o barco.



No «chapa 50», como são conhecidos os barcos à vela, cada passageiro desce à sua maneira. Se quiser evitar pisar a água, então o preço sobe para 60,00 MT, pois o dono ou trabalhador do barco pode encarregar-se de transportá-lo às costas



Mercadoria para aqui, mercadoria para acolá. O barco é o único meio para o transporte de carga e dos passageiros

riamente. E a situação agravava-se ainda mais no período da noite, uma vez que depois das 18 horas o «Inhambane», mais pequeno em relação ao outro, recolhe, ficando somente o «Moçambique» de serviço. E logo numa altura em que o fluxo de pessoas é maior, com aquele vaivém de trabalhadores e estudantes de um lado para o outro...

Mas excluindo o problema de o transporte ser deficiente, há que observar, também, que a situação é ainda agravada pelo facto de os passageiros nunca conseguirem apresentar-se naquela exígua entrada (ou saída) para (ou de) o barco de forma organizada. Mesmo que não seja em fila indiana, como é normal, mas no mínimo entrar um por um (já que a porta é muito pequena), por forma a facilitar o trabalho. Mas não é isto o que se verifica. Cada vez

que o barco chega, aquilo até se assemelha à partida de uma maratona: toda gente avança, com toda a determinação, acotovelando-se para a esquerda e para a direita, com o risco de o mínimo de equilíbrio ser sinónimo de uma queda na água, como, aliás, tivemos a oportunidade de viver durante a nossa recente deslocação para aquele ponto do País, fora as conversas que ouvimos de que cenas daquela natureza são bastante frequentes.

Inhambane e Maxixe, ou o contrário, tão perto que se situam um portanto, do outro, tornam-se bastante longe devido a estes problemas, para além de se apresentar extremamente difícil e com riscos de a qualquer altura a pessoa se ver na água, caso lhe surja, ao lado ou atrás, um daqueles confusionalistas que nunca faltam.